



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JUNHO, DE 2026 - 21H00

BONNIE E CLYDE



Aquando da sua estreia, “Bonnie e Clyde” não teve o sucesso crítico que mereceria e, mais ainda, suscitou uma tremenda polémica nos EUA (e também em Portugal, e um pouco por todo o lado onde se exibiu) que teve por base a violência explosiva que testemunhava e que, por aquela altura (1967), não era muito vulgar no cinema. No ano seguinte, ao escrever no DL, considerei-o o “melhor filme do ano”, dizendo que tinha sido precocemente “arrumado nas prateleiras o arsenal de “Bonnie e Clyde”, calando as

rajadas de metralhadoras, ocultando a mais desesperadamente bela morte do cinema moderno”.

Julgo que será interessante recuperar esse texto que me parece não só significativo de um tempo, como sobretudo da importância do filme e da sua perenidade. Ainda hoje, o seu arrojo espanta e o seu significado humano e sociológico perdura.

Rezava assim o que então escrevi: “Como por “vingança do destino”, “Bonnie e Clyde” renasceu. Na base deste acontecimento surpreendente e sem paralelo vamos encontrar razões de vária ordem: a maior das quais se estriba, certamente, no êxito tremendo que esta película de Arthur Penn despertou em todo o mundo. Êxito feito pelo público (única e exclusivamente), êxito que pode muito simplesmente significar uma identificação de propósitos e desespero entre as gerações destes anos agitados de 67-68 e as da época conturbada da Grande Depressão económica dos anos 30, período que permitiu o aparecimento de figuras como Bonnie e Clyde, agora ressuscitadas do esquecimento por uma juventude que se interroga, irada e impotente perante todos os crimes passados (e presentes).



Sobre o argumento de Robert Benton e David Newman, esta biografia de Bonnie e Clyde esteve para ser dirigida, primeiramente, por Truffaut, depois por Godard. Acabou por ser comprada por 75 000 dólares, mas ficou nas mãos de Warren Beatty, que decidiu entregá-la a Arthur Penn. O realizador, desiludido com os cortes sofridos por “Perseguição Impiedosa” (e impostos pela Columbia), decidira abandonar o

cinema. Mas a história entusiasmou-o. Bem assim como as condições em que a mesma prometia vir a ser rodada: inteira liberdade de acção, assegurada por Warren Beatty, que funcionava como produtor, depois de ter conseguido um adiantamento reduzido de Jack Warner. Após algumas hesitações no que respeita à escolha da actriz que iria viver a personagem de Bonnie, o filme principiou, concluiu-se, estreou-se. Meia dúzia de pessoas assistiu à estreia; alguns críticos viram e não gostaram. Estamos na América de Lindsay Johnson, fins de 1967. Mas o público começou a ir. Na Europa é o sucesso; na América, envergonhados, alguns críticos voltam à plateia, revêm e dão o dito por não dito: afinal, “Bonnie e Clyde” é um grande filme. Mas Bosley Crowther, no “New York Times”, diz três vezes que não. Na última foi despedido, após muitos anos “de bons e leais serviços”. Foi a última vítima de Bonnie e Clyde (“Express”, Pierre Billard). Hoje, “Bonnie e Clyde” espera a consagração dos Óscares. Prevemos-lhe vários e todos inteiramente merecidos (não os teve, soube-se depois).

Do êxito ao mito foi um salto. Bonnie e Clyde surgem em cartazes, discos, propaganda, vestuário, moda. Com o nome de Bonnie and Clyde vendem-se carros, boinas, vestidos, fatos, cartazes, revistas. Warren Beatty e Faye Dunaway invadem todos os domínios, inquietantes... No início da década de 30, nos E.U.A., existiram, em carne e sangue, dois gangsters de reputação lendária. Bonnie e Clyde roubavam bancos, ajudavam os camponeses, eram auxiliados por negros e pobres brancos, encarnando em si um ideal de justiça social que a Depressão e os seus anos de fome haviam afastado há muito da sociedade norte-americana. Roubando e matando depois (entrando numa engrenagem de que desconheciam as regras, mas de que suspeitavam o aliciante), Bonnie e Clyde transformaram-se num dos mais famosos casais de fora-da-lei de toda a América. Clyde, de metralhadora em punho e estranhamente impotente no amor; Bonnie, compondo poesia da sua vida aventureira nos intervalos dos assaltos; ambos personificando a falência de um humanismo que os tomou reais. Eles, e ainda todos os outros que os rodeiam, os perseguem, prendem, auxiliam, encobrem ou matam, todos compõem o retrato de uma nação, de um povo, de uma época. E Arthur Penn vai até à minúcia, esgravata documentação do



impossível, e descobre, para além do retrato, também a respiração, as veias, o sangue que corria na América de 30.

Depois, há ainda um ritmo: intercalado de situações burlescas e de cenas de uma violência trágica, desgastante, envolvente. Ao ritmo trepidante de uma balada do velho Oeste, que serve de pano de fundo a toda uma série de perseguições (comparáveis à comédia burlesca), sucede-se o crepitar medonho de metralhadoras despejando a morte (como os polícias negros da época); a uma cena de amor impossível nos campos verdes, selvagens e livres, justapõem-se os últimos olhares de um casal crivado de balas e jorrando sangue de mil chagas, sangue-sangue, vermelho, vivo e quente.

Cite-se ainda a interpretação de Faye Dunaway e Warren Beatty, que fazem de Bonnie e Clyde dois dos muitos anjos caídos, homens desalojados da sua condição, figuras à procura de um lugar, mas recusando entrar no único jogo que lhe indicam possível. Finalmente, assinala-se que Arthur Penn nos deu a obra-prima que vinha prometendo desde o início da sua carreira. Acrescente-se que promete mais, muito mais...”

Assim foi. Arthur Penn deu-nos depois obras magníficas, mas “Bonnie e Clyde” manteve-se o seu filme chave que, ainda hoje, permanece actual e permite as mais curiosas comparações com outros períodos da História, onde a crise económica, social e política segreda a marginalidade e o crime.

Lauro António



BONNIE E CLYDE (1967)

Título original : Bonnie and Clyde

Realização: Arthur Penn (EUA, 1967); Argumento: David Newman, Robert Benton, Robert Towne; Produção: Warren Beatty; Música: Charles Strouse; Fotografia (cor): Burnett Guffey; Montagem: Dede Allen; Direcção artística: Dean Tavoularis; Decoração: Raymond Paul; Guarda-roupa: Theadora Van Runkle; Maquilhagem: Robert Jiras, Gladys Witten; Direcção de produção: Russell Saunders; Assistentes de realização: Jack N. Reddish; Departamento de arte: Stuart Spates; Som: Francis E. Stahl, Dan Wallin; Efeitos especiais: Danny Lee; Companhias de produção: Warner Brothers/Seven Arts, Tatira-Hiller Productions; Intérpretes: Warren Beatty (Clyde Barrow), Faye Dunaway (Bonnie Parker), Michael J. Pollard (C.W. Moss), Gene Hackman (Buck Barrow), Estelle Parsons (Blanche), Denver Pyle (Frank Hamer), Dub Taylor (Ivan Moss), Evans Evans (Velma Davis), Gene Wilder (Eugene Grizzard), Martha Adcock, Harry Appling, Owen Bush, Mabel Cavitt, Patrick Cranshaw, Frances Fisher, Sadie French, Garry Goodgion, Clyde Howdy,

Russ Marker, Ken Mayer, Ken Miller, Ann Palmer, Stuart Spates, James Stiver, Ada Waugh, etc. Duração: 112 minutos; Distribuição em Portugal (DVD): Zon Lusomundo; Classificação etária: M/16 anos; Data de estreia em Portugal: 1 de Dezembro de 1967.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“SCARFACE - A FORÇA DO PODER”, de Brian De Palma(1983)